

REVISTA  
DE

# TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII  
II SERIE

MAIO 1923  
N.º 131

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

## *A nossa situação perante o Mundo*

### O QUE DEVEMOS FAZER

**A**GORA, que as atenções de todo o Mundo convergem sobre Portugal, em virtude d'esse historico e extraordinario feito dos nossos célebres aviadores Almirante Gago Coutinho e Comandante Sacadura Cabral; feito que acaba de ter uma estrondosa e justa consagração na grande França e que não menos justamente vae ser festejado em Hespanha; é necessario aproveitar-se, no que materialmente interessa ao nosso Paiz, as consequencias favoraveis da embaixada que esses dois grandes e dos mais illustres Portuguezes teem desempenhado, com raro e perduravel brilhantismo.

Uma feliz successão de factos tem produzido para a nossa terra uma situação deveras favoravel, fazendo ecoar pelo Orbe o nome de Portugal, que se ia tornando pouco conhecido das gerações contemporaneas.

Assim, deve pois renascer o desejo de se visitar um Paiz cuja tradição foi agora fulgurantemente confirmada, pelo que se refere á sequencia das epopeias que esmaltam inapagavelmente as paginas da nossa historia; porquanto, no que toca a cavalheirismo na recepção das nossas visitas, não desmentimos ainda a fama que

nos elevou, com razão e justiça, á privilegiada situação que gozamos no conceito mundial.

Torna-se, pois, simplesmente necessario que trabalhemos para que, da situação moral que ora desfructamos, extrahiamos os resultados materiaes que justamente devemos obter.

E isso não será difficil, se considerarmos que o nosso cambio favorece imenso a importação d'extrangeiros, sobretudo hespanhoes, francezes e inglezes, cuja moeda tem um valor real superior ao da nossa.

E' este um caso paradoxal, que todavia beneficia as nações que, embora em decadencia, possam explorar as belezas nativas.

Além d'isso, a nossa situação não é das peiores. O preço da vida, embora aqui, para nós, os portuguezes, esteja pavorosamente assustador, ainda, felizmente, não atingiu as bitolas hespanholas, francezas e inglezas se bem que estes paizes estejam n'uma situação quasi invejavel — pela valorisação do seu dinheiro — perante as outras nações em estado de anarchica ruina.

Ora, juntando este factor, aliás importantissimo, com o da diferença do valor da moeda, chega-se facilmente á com-

preensão de que, além de tudo quanto temos e que pode atrahir o estrangeiro, ha ainda os factores eventuaes — como esses dois — que são mais do que suficientes para nos engrossar a população fluctuante que tem forçosamente de ser o fiel da nossa situação material.

Para isso, porém, é preciso que tenhamos a casa em ordem e que não sujeitemos as nossas visitas á contingencia de eventualidades como as que, tristemente, teem, nos ultimos tempos, dolorosamente assignalado a nossa existencia.

Que todos pensem bem n'isto.

## O QUE É O NOSSO PAIZ NA APRECIACÃO D'UM SUISSO

*VOLTAMOS hoje, com o maior agrado, a falar do nosso muito querido amigo e inteligente administrador-delegado da Empresa dos Hotéis Portuguezes de Turismo, Monsieur Leon Kues para transcrevermos, com sua auctorisação e a devida venia para o nosso colega «A. B. C.», o interessante artigo que n'esse semanario foi inserto, traduzindo a apreciação d'um suisso que ha pouco visitou o nosso Paiz.*

Era à despedida, já sobre estribo de uma elegante e confortável carruagem do Sud-Express. E o meu amigo, comovido, insistia ainda :

— «Póde lá você imaginar a saudade com que eu deixo este delicioso paiz, meu caro! Saudade que ha-de trazer-me de novo... Espero-o!

Estas palavras soaram agradavelmente aos meus ouvidos.

— Apesar de estrangeiro, eu quero deveras a este nobre paiz. Afecto que minha permanencia — velhinha de três anos — e a minha admiração — que é tamanha, assás justificam. Demais a mais — aquelas palavras vinham de um compatriota illustre — que na Suissa ocupa uma posição de destaque — o que lhes dobrava o valor... Trata-se d'um deputado.

— Mas, sim, levo as melhores impressões d'este simpatico e velho Portugal, tão cheio de sol e de tradições comovedoras...! Um paiz ideal!

E fixando em mim os seus olhos claros e vivos, explicou gravemente :

— Quando eu deixei a Suissa — vai para um mez — tinha a cabeça cheia de historias de revoluções, de assassinatos, de coisa impossiveis! Que quere... o boato tem uma extraordinária simpatia por este paiz!

— Continúe.

— Mas, ao chegar — que encantadora surpresa! Tudo em socego. Lisboa trabalha e diverte-se; a Província, em pleno desprendimento da política, vive toda a ingenuidade das suas tradições.

— E o povo?

— Pareceu-me bom, afavel, de um doce temperamento; trabalhador e honesto. Nem rastos encontrei d'aquela «espirito revolucionário» que eu julgava..

«Quanto à riqueza da terra, meu caro, eu estou simplesmente maravilhado! De uma grande fertilidade... de imensos recursos naturais.

— E o seu clima?

Privilegiado. Portugal é, guardadas as devidas proporções, um dos mais ricos paizes do continente.

— Não notou um certo desanimo?

— Efectivamente. Atribuo-o a uma certa desconfiança que se apossou dos espiritos... Será isto? Portugal está eivado de um doce fatalismo...

Sorri-me. E, a buscar uma derivante, intervim :

— Diga-me : E com respeito ao turismo?

O meu amigo não respondeu logo. O

seu olhar fixou-se, ao longe, na paisagem que o sol morrente doirava.

— Não ha paiz mais lindo! Nenhum pode oferecer aos seus hospedes logares mais belos, mais pitorescos, nem panoramas mais deslumbrantes!

«Cintra... Aquele maravilhoso «ninho» de verdura que domina o Atlantico e cuja «silhouette», tendo por corôa a Pena, se destaca tão bem no azul profundo do espaço!

«Bussaco... A grande montanha silenciosa, vestida de arvoredos de um outro clima, d'esse arvoredos a que estão desfeitos os nossos olhos! E revejo agora o seu hotel, em dedicado estilo manuelino, sumptuoso e de linhas suaves.

«Bom Jesus do Monte... Ponto de vista como nenhum outro, espreitando o vale extensissimo onde Braga, a «primaz das Espanhas» se espraia... Este local é, a meu vêr, o mais formoso de Portugal. Nenhum se lhe compara...

«Não conheço outro mais lindo — palavra...

«Mas como enumerar as belezas naturais d'este bocadinho da Mundo? Tantas são elas, meu amigo!!

«Falou-me ha pouco no turismo? Ele terá em Portugal um grande, um luminoso futuro. Garanto-lho!

E deu-se a descrever-me, enlevado, trechos das paisagens que mais o surpreenderam: ora um parque, ora um rio, ora uma capelinha humilde no alto da serra.

Lembrou-me ainda Santa Luzia — «soberba montanha defronte do mar», d'onde se disfructa um panorama inolvidável, talvez unico....»

E repetia nomes de terras, nomes lindos que lembram musica e flores... Ouvia-o encantado. E então, quando já o tumulto, na gare, ia no maximo, annunciando a partida, o meu compatriota concluiu:

— Tudo isto, meu caro, são riquezas a explorar. O estrangeiro desconhece-as ainda... Precisa-se uma propaganda intensa — que deve firmar-se n'uma grande confiança....»

— A política...?»

— E' uma excitação. Ha-de passar, como todas as excitações. Portugal pre-

cisa de toda a calma para olhar pelo seu futuro...

— Diga-me... e o serviço hoteleiro?»  
Um silencio.

— Compreende: dificiente. De resto, o turismo não se improvisa: é uma obra lenta, aturada, para ser levada pacientemente.

«Portugal não tem feito quanto podia. Olhe o que se tem feito na nossa Suissa e n'outros paizes cujas belezas naturaes podem comparar-se com estas...

«Você fala-me nos hoteis... Bons, poucos encontrei. Enfim — uma industria que principia...

— Principia, diz bem. Começa agora a trabalhar-se... defendi.

— Eu sei, meu amigo. Você já me contou... Recordo-me de me ter falado, com louvor, das belas iniciativas que se esboçam, e á magnifica attitude da imprensa — esse grande propulsor de energias — e lembro ainda os artigos que você escreveu nos jornais turisticos da Suissa...

— Ah! leu! adverti...

O meu amigo sorriu. E falou-me então, entre outros, dos excelentes estudos de Mr. Emygdio da Silva, no «Diario de Noticias» e no «Primeiro de Janeiro», da valiosa campanha do meu amigo Sanches de Castro, no «A. B. C.» e da insistencia com que a *Revista de Turismo* n'um muito patriotico esforço, procura atrahir os estrangeiros a Portugal. Efectivamente. Eu tinha-me referido, no «Pro Lemano» sobretudo, a esses trabalhos de alto valor turistico.

O Sud-Express, porém, vai partir. As portinholas das carruagens fecham-se á pressa, com estrondo. O meu amigo estreita-me vigorosamente a mão: e á laia de ultima recomendação diz-me ainda:

— As estradas...! As vias de comunicação! Portugal possui-as; mas, no geral, em pessima estado... E sem isso — o Turismo é letra morta!...

Da machina sahe o silvo anunciador da partida. Adeus! Lá parte... Sigo-o com a vista. Lá vai... levando vertiginosamente, entre nuvens de fumo, aquele grande admirador de Portugal —

cujos esperançosos augúrios o futuro justificará.

Tenho a certeza!!!

Léon Kués

Aproveitamos este ensejo para mais uma vez mais testemunharmos a Leon Rués toda a nossa respeitosa sympathia e os protestos da nossa mais considerada amizade.

## ESTANCIAS DE TURISMO

### APRECIÇÕES SOBRE A SUA CLASSIFICAÇÃO

**A**o inserirmos, em o anterior numero d'esta Revista, o decreto contendo a classificação das estancias de banhos, climatericas, d'altitude, de repouso e de turismo — prometemos fazer as apreciações que ele logo nos sugeriu.

Cumprindo, pois, a promessa que fizemos, aqui estamos, em primeiro lugar, a fazer as seguintes perguntas a quem nos possa responder:

Porque razão *Cascaes* não foi incluída n'essa classificação?

Não será uma praia?

Será simplesmente séde da administração do Concelho d'outras praias, cuja importancia é secundaria em relação aquella?

E o *Mont' Estoril* — o que será?

Pela sua exclusão d'essa classificação dá a idéa de que não existe e que é uma *vigarice* o reclamo que se lhe tem feito no estrangeiro.

Procurámos tambem saber a classificação do *Luzo* e do *Bussaco*, e em vista de não figurarem n'esse decreto, convenemo-nos de que... não tem importancia!

Supunhamos que qualquer d'estas duas localidades tanto podiam figurar, para os efeitos da classificação, como estancias climatericas, como de turismo, ou ainda de repouso.

Vemos, porem, pelo decreto a que nos referimos, que estavamos enganados.

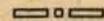
Verdade seja, que o decreto não se refere a *estancias thermais*, não se sabendo qual o motivo d'essa omissão. O certo, porém, é que o *Bussaco* não tem thermas.

Como praia, não nos parece que ainda possa ser considerada. É pois de presumir que, dado o embaraço que talvez surtisse, de não se saber se essa localidade havia de ser classificada como estancia climaterica, d'altitude, ou de repouso, a riscassem por não merecer a pena inscrevel'a na classificação.

E Gouveia, um dos pontos mais interessantes da Serra da Estrela, onde centenas de pessoas procuram fazer as suas curas — que classificação terá?

E' certo que o decreto apenas menciona como estancia de repouso, a de *Povoação de Paredes*, na Serra do Caramulo.

O Seixoso não será conhecido do legislador? — E Unhaes da Serra, não é tambem uma estancia de repouso?



No capitulo «*estancias de turismo*» igualmente as omissões são imperdoaveis. Não falando em outras, vemos que, por exemplo, Faro e Lagos, no Algarve; Viana do Castelo — que hoje com o seu belo Hotel no Monte de Santa Luzia, pode ser classificada de *estancia de repouso* — Barcelos n'esse delicioso Minho, assim como Ponte do Lima, onde tanto ha para admirar; Guimarães, interessante como ponto de turismo; e muitas outras localidades escaparam ao alcance da vista — aliás curtissima — do feitor do decreto.

E' talvez este um caso em que se pode empregar o proverbio latino *Nec sutor ultra crepidam*; pois bem certo estamos de que se esse decreto tivesse sido mane-

jado por quem percebesse do assumpto, ele, em vez de sahir com as deficiencias com que foi publicado, teria tido como resultado uma obra completa, a que não faltaria, inclusivamente, a classificação das *thermas*, a qual é indispensavel para os efeitos que o decreto teve em vista.

Esperamos todavia que essas lacunas sejam preenchidas a tempo.

Consta-nos que, brevemente, o Governo vae decretar sobre a área de jurisdição d'algumas das comissões d'iniciativa ultimamente creadas, afim de evitar os conflictos que possam surgir d'uma má interpretação do espirito do respectivo decreto, mas tambem, os embaraços que possam contrariar a ação proveitosa que se espera d'esses novos organismos.

## BELEZAS DE PORTUGAL

# BRAGANÇA E SEU DISTRICTO

(Continuação do numero anterior)

**D**EIXAREI de martelar os vossos ouvidos com mais pormenores da descrição fisica do meu distrito, passando a pedir o favor da continuação da vossa atenção para a minha insonsa e desenxabida palestra que, mal servida por uma frase descolorida e sem brilho, mais desinteressada se torna.

O meu fito é apenas despertar a vossa curiosidade, não vos recusando a visitá-lo, quando o ensejo vo-lo proporcione; indo depois d'essa visita, que — posso afirmar-vos será interessante — fazerdes, ao recolher a vossas casas, a descrição do que visteis de mais excepcional e impressionante; porque, o ha e muito, despertando igualmente nos vossos conterraneos o desejo de o visitar ou pelo menos avivar-lhe que esse recanto, de um futuro tão prometedor logo que as medidas de fomento tantas vezes annunciadas sejam um facto, tambem faz parte da nacionalidade portugueza, recanto conhecido até agora pelos poderes centraes unicamente para a distribuição dos encargos que lhe competem na administração pública os quaes são plenamente e pacientemente satisfeitos sem necessidade do emprego de meios coercivos.

O caracter do habitante de traz-os-Montes não difere essencialmente do dos habitantes do resto do paiz — à parte umas pequenas diferenças provenientes da di-

versidade de sangue; porquanto não esteve sujeito à influencia do do arabe como o dos povos do Sul; ás acentuadas pela influencia da região montanhosa que habita e ainda ao quasi isolamento em que tem vivido por falta de vias de comunicação regulares que puzessem em contacto com os que, mercê de circunstancias felizes, melhor conhecem os progressos da civilização.

Manteem por isso, ainda, habitos primitivos, conservadores, que o fazem leal, franco, sincero, honesto, aberto a todas as ideias generosas pelas quaes estoicamente sacrifica o bem-estar, a propria vida. Trabalhador infatigavel, economico, muito hospitaleiro, é na sua simplicidade um profundo crente. Suporta sem enfado nem revolta a adversidade que o destino lhe impõe e acata submisso os mandados da auctoridade, embora encerrem os mais duros sacrificios.

Para não alongar esta palestra abusando da vossa paciencia, não citarei factos que venham comprovar a minha afirmação. Ele trabalha, moureja como um negro e mercê de circunstancias varias, infelizmente, não tem sido favorecido pelo produto do seu trabalho. A falta de educação no lar pela insuficiência da preparação da mulher para o alto designio de mãe; a falta da escola, a qual não estando à altura da sua missão, não lhe dá o suficiente pão do espirito, como brilhantemente explanou na sua conferencia

sobre o Alemtejo o sr. alferes Picão Telo; e, ainda, devido a esse cancro que como um vampiro suga o seu melhor sangue o produto magro do seu extenuante trabalho-cancro que é urgente extirpar até às ultimas radículas por medidas eficazes do poder central—a usura-o habitante de Traz-os-Montes não atigiu ainda o cabedal de conhecimentos, o desafogo que lhe proporcione uma mediania, uma vida menos atribulada, menos carregada de contrariedades e desilusões.

Ingenuo e simples, crê nos outros a sua boa fé inapta, deixando-se arrastar pelo caminho por onde o conduzem, dando ouvidos ao canto da Sereia.

No entanto, a terra que pisa é tão abundante, tão rica em produtos do subsolo que se esse habitante estivesse em condições de o explorar por conta propria ou, pelo menos, ao serviço de capitães portuguezes que lhe dessem, embora, um minimo de cooparticipação nos lucros auferidos deixando de ser o, tabem, eternamente explorado das emprêsas estrangeiras, viria ter, com certesa, um futuro mais beneficiário, mais prospero, por que ele, em geral, vive apenas dos mesquinhos rendimentos da pequena agricultura, sempre parca em lhe remunerar o arduo trabalho com colheitas regulares, e do d'algumas pequenas industrias derivadas d'aquela.

Na verdade os processos rudimentares e primitivos de que ainda usa; o regimen de propriedade de forma a não lhe permitir a intensificação e rotação das culturas; a falta com que luta de estrumes e adubos quimicos; o não emprego de maquinas, devido ao acidentado do terreno e não poder só por si, pelos seus meios, adquiri-los; a falta de conhecimentos technicos bebidos em escolas moveis de agricultura que ainda ali não apareceram, e os poucos sindicatos agricolas não terem exercido palpavel acção benefica por causas multiplas — ele tem visto o fruto do seu trabalho pouco recompensado, nada remunerador.

Muito haveria que dizer seguindo esta ordem de ideias; mas para não abusar da

vossa benevolencia com aquilo que vos pareçam futilidades, seguirei—ou antes: continuarei pelo caminho que mais breve atinja o fim a que me propuz.

São variadissimas as culturas agricolas que se exploram em o distrito, como para tal se presta o seu variado clima. Produz toda a qualidade de cereais, legumes, batata, azeite, amendoa, laranja, cortiça, etc. . . Todo o distrito produz bom vinho, chegando o das ribas do Douro a attingir a graduação alcoolica de 20° e 22° que convenientemente tratado e armazenado, anos passados, se transforma no puro nectar, sem rival, mais conhecido no estrangeiro por vinho do Porto. No distrito ha o uma authentica especialidade, como o do Fiolhal, proximo ao Tua. Toda a região marginal do Douro, desde o Tua á Barca d'Alva, está comprehendida na 1.ª classe, das três em que se divide a região produtora dos vinhos finos.

Nas especies arvenses ha a mesma variedade de culturas. Assim, desde o castanheiro da região fria, à oliveira das regiões temperada e calida, até a amendoeira, laranjeira e limoeiro, d'esta ultima, que de enorme variedade que produzem saborosissimos e doces frutos!

Coisa curiosa: Todas as freguesias do concelho de Freixo, aonde, além das muitas existentes, se continuam fazendo grandes plantações de oliveira, produzindo azeitona especialissima, mal fabricam azeite que dê para as necessidades de cada colheiteiro. Toda a azeitona é exportada para a Brazil, dando lucros excepcionaes em proporção com os que dá transformada em azeite.

Nas especies silvestres, encontram-se desde o carvalho da terra fria até o zambulho da região quente, as variedades que expontaneamente prosperam em todo o paiz. Ha na serra de Montezinho especies e nunca abaixo de 1000 metros que, segundo creio, só ali existem em Portugal. Uma d'essas variedades é o Tejo que constitue a quasi totalidade da floresta de Tejedelo, parte d'ela já em Hespanha e aonde abunda o javali.

Pelo que respeita a arbustos, desde a

bravia urze ao aromatico rosmaninho, as diferentes especies cobrem a grande parte dos terrenos incultos.

Industrias manufatureiras não existem. Apenas aqui e acolá apparece a pequena industria caseira d'alguns artigos de especialidade, como de panos de peneira e colchas de seda, em Freixo, que tambem apresenta fino queijo; a de chapéus de Lamas de Pudence; a de rolhas de Sendim, de Miranda e Romeu; a de amendoa coberta, de Moncorvo; além de outras indispensaveis, como moagem de cereais, serração de madeira, etc.

A principal industria é a pecuaria da especie bovina, não deixando comtudo de se exercer a equina, ovina, caprina e suina.

Entre a bovina apparece em primeiro plano como das melhores, senão a melhor raça de Portugal para trabalho, dando igualmente carnes para consumo de primeira qualidade — a raça mirandêsa. De grande corpulencia, os seus bois, em todas as especies de trabalho, dão um rendimento superior ao das outras raças. Quando para abater, a sua carne é paga pelo mais alto preço no mercado central de gados em Lisboa.

Diferentes tecnicos, pela excelencia d'esta raça, teem aconselhado e proposto ao govêrno o promulgar todas as medidas de proteção para o seu constante apuramento. Ainda bem que já se estabeleceu e está funcionando o posto zootecnico de Malhadas, creio que unico no genero, no districto.

A confirmação das boas qualidades d'esta raça está em que todos os dias são feitos pedidos para compra de novilhos e vitelas que melhores caracteristicas apresentem de apuramento, não olhando a preço.

A vizinha provincia hespanhola de Zamora, que até ao tratado de comercio entre Portugal e Hespanha, só possuia, d'onde em onde, um exemplar da raça, importada por contrabando, hoje, que o gado é livre de direitos alfandegarios, tem feito uma importação em grande, havendo-se tornado uma temivel concorrente n'esta industria, o que grandes prejuizos tem acarretado para a economia do paiz. O

hespanhol aonde souber que ha um bom touro, lá está, procurando por todas as formas adquiril'o, não olhando a dinheiro; chegando mesmo, quando lhe enche o olho, como vulgarmente se diz, a paga-lo pela exorbitancia que o dono lhe havia pedido para afastar o importunuo comprador.

Está-se desenvolvendo no concelho de Vinhais a industria de laticinios que fornece magnifica manteiga. E' a lógica consequencia da existencia das magnificas pastagens de prados naturaes da serra da Corôa.

E' minha opinião que, embora mais tarde, virá a ser convenientemente explorada a abundancia e boa qualidade das aguas minero-medicinaes que brôtam por todo o districto, entre as quais sobresaem as sulfurosas; dando depois essa exploração incremento às industrias que com ela se ligam. Bemsau de no concelho de Vila Flor, exporta já para o Brazil regular quantidade de agua com applicação a doencas do aparelho digestivo. Em Portugal, tambem já vão sendo introduzidas no mercado. As aguas sulfurosas das Caldas de S. Lourenço são bastante frequentadas e não o são mais pela pobreza e acanhado do seu balneario. Ainda acerca de vias de comunicação regulares, teem sido um grande entrave à exploração d'esta riqueza natural que da mesma forma fez abortar a construção d'um sanatorio para tuberculosos na serra de Montezinho, para o que se chegou a escolher local.

Na verdade, a falta de vias de comunicação dá-se em todo o districto, sobretudo no Norte em que tanto convinham para a ligação e tráfico comercial com a Hespanha. Uma, das unicas estradas projectadas, a de Portelo a Puebla de Sanabria, foi concluída ha dias; a segunda, pelo não acabamento de um troço de 7 k. em terreno portuguez deixamos de estar ligados com a vila de Alcañices e consequentemente com Zamora, capital da provincia do mesmo nome, testa da via ferrea mais proxima, notando que a obra d'arte mais dispendiosa-a ponte internacional em Quintanilha-ha muito está concluída.

DIODECIANO MARTINS

(Continúa)



## UM VILLANCETE

DE

## ANTONIO BOTTO

*O lenço que tu me deste,  
Perdi-o na romaria.  
Já não torno mais a ter  
Prenda de tanta valia.*

## VOLTA

*Como era lindo esse lenço  
Côr de pérola bacenta!  
Ai amor, se nelle penso  
A morte mais sóbe e aumenta!  
Companheiro meigo e lindo  
Dos meus dias de agonia . . .,  
E era do nosso amor findo  
A prenda de mais valia!*

## AS ATRAÇÕES DO TURISMO

### O CONCURSO HIPICO DA PRIMAVERA

Não pôde a *Revista de Turismo* deixar de consagrar algumas modestas linhas ao importante acontecimento desportivo que se realizou, no começo d'este mez, no Hipodromo de Palhavã — o Concurso Hipico da Primavera — promovido com grande pompa pela Sociedade Hipica Portugueza.

Não está na indole d'esta Revista referirmo-nos a este certamen, apreciando-o pelo seu prisma desportivo; mas, sim, unicamente, como um interessante factor do desenvolvimento do Turismo em Portugal.

Sob este unico aspecto não nos podemos alongar, para não irmos repetir o que, em os anos passados, temos dito em referencia a esse concurso que, anualmente, traz para a nossa cidade um interessante movimento que desperta enthusiasmo e anima os espiritos cançados pelas vicissitudes da vida enervante que vamos atravessando.

Todavia, sob a idéa que nos tem sugerido os artigos que, a proposito dos anteriores Concursos Hípicos, inserimos n'esta Revista, não podemos deixar de aplaudir e de animar a continuação de interessantes certamens como esse que, com

grande e animador exito, teve a sua realização no começo d'este mez de Maio florido, quando as belezas femininas, com o garridismo das suas *tollettes*, julgam disputar aos amores que ornamentam os jardins, a atração da sua inconfundivel magia.

Por isso, o campo de Palhavã, em tardes de Concurso Hipico, se nos assemelha a um parque tratado com amôr e carinho, brotando do seu seio as emanações que seduzem, atrahem e... afugentam.

Como factor de Turismo, o Concurso Hipico da Primavera é d'um inestimavel valor, marcando bem a nota mundana d'essa estação em que desde a classica manifestação d'arte traduzida pela exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, até a exposição de flores que se ostenta com sugestiva *sympathia* em diferentes partes da nossa Cidade, figuram bem a quadra mais bela da vida de Lisboa; na qual toda a sua população pode tomar parte e gozar as alegrias dos espiritos propicios a uma sincera e aprazivel comunhão.

...E atravez de tudo, as festas desportivas são as que mais contribuem para esse estado d'alma.

## RELAÇÕES INTERNACIONAES

### O NOVO HORARIO DO «SUD-EXPRESS»

Não obstante as sugestões e as indicações formuladas pela nossa Revista, quando tratámos d'este importante assumpto, o novo horario do Sud-Express — o mais importante serviço rapido de comunicações entre Portugal e o Extranjeiro — não obedeceu ao esboço por nós dado á estampa como o mais consentaneo com as necessidades, comodidades e faci-

lidades dos passageiros em transitio pelo nosso Paiz.

E' certo que esse serviço fica um pouco melhorado, pois tendo-se modificado as horas de partida e de chegada a Lisboa, diminuiu-se apreciavelmente o tempo de percurso, nos dois sentidos, o que já constitue um sensivel beneficio.

Todavia, continuamos a pensar — e sem

que isto reflecta uma veicidade da nossa parte — que o horario por nós apresentado era o de maior interesse para o nosso Paiz, pois n'ele se atendeu sobretudo ás facilidades a conceder aos passageiros de ou para a America do Sul, que são ainda, em numero e qualidade, os que mais animam e tornam interessante o trafego internacional pelo Porto de Lisboa.

Mesmo no que respeita ao trafego recentemente estabelecido da linha directa e mais curta de Paris para Casa Blanca, o horario proposto pela nossa Rev.sta era talvez o mais pratico, sabendo-se as facilidades relativas que os vapores d'essa carreira teem de alterar a sua marcha para uma maior facilidade de comunicações.

E uma vez que todas as Companhias

interessadas na circulação do Sud-Express continuam a manifestar a sua boa vontade — como agora succedeu — em facilitar o mais possivel as comodidades a oferecer por esse comboio, o que implica sacrificios bastantes peizados para algumas d'essas Companhias, mórmente as portuquezas, razoavel seria que elas, ao menos, tivessem como justa e immediata compensação a grande utilização d'esse comboio tanto no sentido ascendente, como no descendente, o que se conseguiria pela facil comoda e rapida ligação com a via maritima.

Assim com o proximo horario talvez os resultados não correspondam á expectativa.

A titulo de informação damos a seguir o novo horario do «Sud-Express», que entra em vigor a partir de 1 de Junho p. f..

Paris-Quai d'Orsay.....	P	10-15	Lisboa R.....	P	12-25
Orleans-Les Aubraix.....	C	11-55	Pampilhosa.....	C	15-45
	P	11-59		P	15-50
Bordeaux-S. Jean.....	C	17-42	Luzo-Bussaco.....	C	16-03
	P	17-49		P	16-04
Bayonne.....	C	20-24	Canas-Felgueiras.....	C	17-13
	P	20-32		P	17-13
Hendaye.....	C	21-20	Mangualde.....	C	17-34
	P	21-40		P	17-37
Irun.....	C	21-44	Gouveia.....	C	17-57 <sup>1/2</sup>
	P	22-20		P	17-57
Medina del Campo.....	C	6-18	Guarda.....	C	19-14
	P	6-30		P	19-20
Salamanca.....	C	8-15	Vilar-Formoso.....	C	20-17
	P	11-25		P	20-27
Vilar Formoso.....	C	11-40	Fuentes d'Oñoro.....	C	20-29
	P	11-40		P	20-39
Guarda.....	C	12-33	Salamanca.....	C	23-41
	P	12-38	Medina del Campo.....	C	1-49
Gouveia.....	C	13-47		P	9-39
	P	13-47	Hendaye.....	C	10-09
Mangualde.....	C	14-05		P	11-05
	P	14-06	Bayonne.....	C	11-05
Canas-Felgueiras.....	C	14-25		P	11-10
	P	14-25 <sup>1/2</sup>	Bordeaux-S. Jean.....	C	14-04
Santa Comba Dão.....	C	14-51		P	14-24
	P	14-56	Orleans-Les Aubraix.....	C	20-38
Luzo-Bussaco.....	C	15-29		P	20-43
	P	15-30	Paris-Qai d'Orsay.....	C	22-25
Pampilhosa.....	C	15-40			
	P	15-49			
Lisboa.....	C	19-20			

Segundo nos consta, muito em breve a *Compagnie Transatlantique* estabelecerá um novo horario para os vapores da carreira Lisboa Casablanca e vive-versa,

de forma que os passageiros tenham uma immediata correspondencia entre a via terrestre e maritima.

## *A anarchia na circulação dos carros mechanicos em Lisboa*

**P**ELO que sabemos e temos visto, parece-nos que em nenhuma outra cidade do mundo civilizado se consente o desaforo que se presencinha em Lisboa, com a circulação dos automóveis e dos *side-cars*.

Não se trata simplesmente do barulho que esses vehiculos fazem com o escape dos motores aberto, o que só aqui acontece. Não nos referimos tampouco á inferneira das buzinas que, comquanto o seu uso esteja já limitado por uma postura da autoridade policial, por vezes ainda atroam os ares com a sua sonoridade exquesita e imcomoda. Trata-se, muito especialmente, da velocidade com que habitualmente são conduzidos esses vehiculos e, sobretudo, da brutalidade que, em geral, está sendo uma revoltante característica dos *chauffeurs*.

Ainda ha pouco tempo, um nosso muito estimado e querido amigo ia sendo fatalmente victimado pela barbaridade d'um *chauffeur* dos que, imaginando que as ruas apenas lhes pertencem, não tem a mínima noção dos direitos alheios.

Só por um verdadeiro milagre é que esse nosso bom amigo não sucumbiu ao fortissimo embate que lhe produziu a velocidade vertiginosa d'um carro no Largo das Duas Igrejas, em correria paralela com um outro à frente do qual queria passar; tendo todavia, o caminho pouco livre para o fazer:

Não obstante o facto ter sido presenciado por algumas pessoas, nenhum policia appareceu para tomar conta da occorrença e fazer castigar o causador d'esse desastre, que felizmente não teve consequências funestas.

E' este mais um alarmante symptoma da anarchia dominante, não havendo respeito pela autoridade nem pelos direitos alheios.

E', tambem, este um motivo que muito

pode concorrer para afugentar os estrangeiros do nosso Paiz, pois quando na capital o transito — que devia ser devida e cautelosamente regulado — se faz pela maneira anarchica como se presencinha em Lisboa, onde o principio da auctoridade devia ser absolutamente respeitado, é de esperar que nas outras cidades e vilas do Paiz a desordem na circulação seja ainda maior. E isso é o bastante para que os estrangeiros, acimando-nos de selvagens, não venham visitar-nos, não obstante todo o reclame que façamos para esse fim.

Ora, quando procuramos, por todas as formas educar os nacionaes e atrahir os estrangeiros, estes excessos de modernismos, que ficariam muito bem na Russia, onde impera o regimen barbaro, não podem nunca ser admitidos n'uma nação que, além de ser civilizada, quere ter fóros d'um requintado progresso nos usos mundiaes.

Ha assim um flagrante contraste.

Torna-se, pois, urgente e inadiável que as autoridades façam cumprir escrupulosamente as posturas municipaes que se acham em vigor sobre circulação e transito de vehiculos; procedendo energicamente contra quem as infligir, pois que a vida do cidadão não pode estar à mercê da furia e dos caprichos de quem quer que seja.

### «REVISTA DE TURISMO»

#### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano .....	10\$00
Colonias—ano .....	15\$00
Extrangeiro—ano .....	20\$00
Numero avulso	1\$00 (1\$000 réis)

TURISMO NACIONAL*Excursões de verão pelo norte de Portugal*

DA Associação Protectora da Arvore recebemos o pedido da publicação do seguinte:

O Gerez, admiravel estação thermal, deve, pela sua situação e condições, ser o centro de irradiação do turismo no Alto Minho. As suas matas são já dignas de ser admiradas e visitadas, pois constituem já por si uma demonstração eloquente do zelo e persistencia da Direcção dos Serviços Florestaes em Portugal. Em menos de 30 anos conseguiram-se importantes povoamentos que, pelo seu belo desenvolvimento parecem, á primeira impressão, contar mais de 50.

Proximo d'essas matas existe — como que ignorada — a Mata do Cabril, nos limites do concelho de Ponte da Barca que confinam com a mata do Gerez.

Esta mata, pelo alcantilado das montanhas que em parte reveste, pela profundidade temerosa das suas ravinas e ainda pela extensão dos seus povoamentos d'arvores espalhadas n'uma enorme extensão, sobre ser d'uma riqueza incalculavel, é uma verdadeira maravilha. A natureza ali tem aspectos verdadeiramente pheericos.

Urge, pois, que esta beleza seja reconhecida e que os proprietarios dos hotéis do Gerez, empresas de viação e habitantes d'esta região, proporcionem todas as facilidades para que essa mata encantada possa ser visitada por todos os que amam verdadeiramente a Natureza, nos seus aspectos mais grandiosos.

Para facilitar essas excursões, tomamos a liberdade de transcrever para aqui o itinerario indicado pelo engenheiro silvicultor sr. Francisco de Paula Brito que é o seguinte:

«Ir da Regencia do Gerez por Leonte, Albergaria, Palheiros; e d'este ultimo ponto

tomar caminho atravez das Chãs de Ovelhas e de Separros, Vale dos Fetos, Lamas das Brotegas e sahir acima de Ramisquedo, ponto onde nasce o rio Cabril, fazendo-se depois a descida para o vale onde corre o rio pela encosta denominada do Sonho, na margem esquerda, e não pela encosta da Cova do Louro, na margem direita, por ser muito aspera e perigosa. Uma vez no fundo do vale do Cabril encontra-se um pequeno carreiro que dá ligação para o caminho que vem de Lindoso. Este carreiro fica na margem esquerda do rio.»

Os povoamentos teem os nomes: do Sonho, Feal, Curral Novo, Agua das Cordeiras, das Laçarotas, Aguas das Sobreiras, do Rebordo do Feio, Cova do Louro, Escada e Janeiras, uns e outros nas margens direita e esquerda do rio Cabril.

E' esta uma indicação, embora rapida, que pode servir de incentivo a portugueses e estrangeiros que dentro do Paiz queiram experimentar as sensações de subirem ás grandes altitudes, escalamem montanhas e recrearem os olhos na contemplação dos grandes quadros da natureza viva e exuberante do nosso Alto Minho.

E nenhuma outra ocasião se apresenta como a da quadra que atravessamos para se gozar as excelencias d'um clima, as suas excelsas belezas naturaes e, ainda, as suas privilegiadas condições para repouso do violento *struggle-for-life* da vida moderna, em que o espirito carece amiude, de uma lavagem em ambientes livres e puros.



# ESTRANGEIRO

## CARTA DA BELGICA

### AINDA O «BAILADO DAS HORA»

**A**FINAL de contas... aqui, na Belgica, resolveu-se adoptar a hora de verão!

Chegámos a supôr que este paiz, mesmo que ele não fosse favoravel ao avanço do «cadran», seguisse na esteira da França, logo que esta nação tomasse a resolução de fazer adeantar os seus relogios, não só para que a acompanhassemos n'uma sensível, util e pratica manifestação do progresso, mas, sobretudo, pelas vantagens que resultavam, para as relações entre os dois paizes, de se regularem pela mesma hora.

Mas... oh! espanto geral!

Deu-se, precisamente, o contrario do que se esperava. A França disse:

*Não faço adeantar os meus relogios;* e a Belgica retorquiu: *Pois eu adeanto os meus.*

Em vista d'esta altruista resposta da Belgica, os belgas esperam, ainda, que... a França reconsidere e faça avançar a sua hora normal, para que os relogios das duas nações marquem horas eguaes.

A esperança dos belgas em que a França reconsidere na sua resolução, provém de que eles pensam que apenas uma *infima minoria* dos francezes obstou a que essa salutar medida fosse tomada pelo Governo de Paris; não supondo que, certamente, a razão de pezo provém justamente d'uma *pezada maioria*.

E' bom, porém, esclarecer que nem todos os belgas pensaram da mesma forma, nem alimentam esperança alguma de que em França a hora de verão seja restabelecida.

Para esses — e não são poucos — a manutenção da hora normal não só era mais conveniente, mas tambem confirmaria a razão que lhes assistia na defeza da sua idéa.

No final de contas... no final de contas os defensores da hora normal venceram... em França, mas não aqui, o que deve ter arreliado, sobremodo, o governo belga.

Sobre o assumpto, seja-nos permitido dizer aqui — um pouco longe da Belgica (por isso que é na *Revista de Turismo*, de Lisboa, que chega á Belgica com as suas apreciações um pouco atenuadas pela distancia) que a mudança da hora, ou, por melhor dizer: a adopção de dois horarios, um para o inverno, outro para o verão, só pode ser proveitosa quando todos os paizes da Europa os adoptem. Fazer isoladamente a mudança de horas, causa uma tão grande confusão que todos os serviços em relações com o estrangeiro se baralham de tal forma que não ha meio de se conjugarem como é preciso, e muito principalmente no momento actual em que toda a gente pensa em se acabarem com as peias para facilidade de communicações, no interesse geral.

Assim se pensando, foi que se adoptou d'uma maneira uniforme o meridiano de *Grenwich*; o que veio trazer um sem numero de comodidades e de vantagens, sobretudo ás communicações maritimas com as terrestres.

Portanto, a atitude tomada pela Belgica, em obedecer á vontade d'uma minoria que caprichosamente queria o restabelecimento da hora de verão, não foi das mais felizes, como se está já vendo.

Esperaremos a sahida airosa d'esta embrulhada.

... E até vêr.

Bruxelas, Maio 1923.

J. C.

## NA REGIÃO DO VOUGA

# AGUEDA

**A**GUEDA é uma interessante vila, cabeça de concelho e de comarca, distando 22 kilometros de Aveiro, com uma população concelhia de cêrca de 25.000 habitantes, sob uma superficie de 32.000 hectares. Acha-se ligada ao resto do paiz pelas linhas ferreas do Norte e do Vale do Vouga, sendo a estação que a serve, n'aquela primeira linha, a de Oliveira do Bairro (a 12 kilometros de distancia), mas havendo diligencias entre a estação e a vila, duas vezes por dia; e sendo servido por estação propria, na linha do Vale do Vouga, estação que demora na propria vila.

Possue estação telegrafo-postal de 2.<sup>a</sup> classe, com serviço de valores declarados, encomendas postaes e cobrança de titulos, letras e vales.

Supõe-se que a sua primitiva designação fosse *Anegia* e depois *Agatha*, com cujo nome se falou d'ela no Concilio de Toledo, no ano de 609. A actual denominação querem uns que venha de *Agatha*, nome proprio de mulher romana, ou da pedra assim chamada. Plinio, na sua *Historia Natural* e Antonio Pio, no *Itinerario*, dizem que o nome de Agueda deriva do seu rio, ao qual os romanos chamaram *Eminio* ou *Aeminium*.

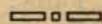
Atribuem alguns auctores a sua fundação aos celtas, turdulos e gregos, 370 anos antes da era christã, os quaes logo ali constituiram uma ponte. Na epocha do imperador Augusto, era *Eminio* classificada como cidade, tendo os seus habitantes figurado nas hecatombes e jogos de gladiadores realizados por motivo da morte d'aquelle imperador.

Tem havido controversia sobre ser ou não a moderna Agueda a antiga *Áeminium* romana; mas a versão mais seguida é a que assim o aceita e afirma, como o prova o brazão das suas armas, que consiste no escudo das nacionaes, tendo

infra a legenda: *Romanis Aeminium*. A duvida, pois, só subsiste sobre a posição occupada pela vila, que pode não ter sido a mesma em que hoje se encontra; o que parece confirmar-se por não coincidir a distancia assinalada nos documentos antigos entre *Aeminium* e as cidades proximas, e a que hoje se conhece; e ainda porque, segundo Antonio Pio, a cidade romana demorava na margem esquerda do rio e não na direita, que é onde actualmente existe.

Consta tambem de diversos documentos antigos a existencia de uma cidade denominada *Agada*, em identica situação corographica; sendo de supor que das duas se formasse a actual Agueda, corrompendo-se aquele nome e absorvendo o antigo.

No seu *Mapa de Luzitania* afirma Francisco Silveira que a *Aeminium* foi tomada e destruida 137 anos antes da era chistã, pelo consul Decio Juno Bruto, abrindo-se em seguida um largo interregno nas referencias historicas, o que leva a supor que ficou reduzida a ruinas, como muito outras terras cuja resistencia desesperada o conquistador punia com a destruição. Mas 462 anos depois, ou seja aos 325 da era christã, apresenta-se-nos outra vez consideravel, pois foi elevada a cabeça de bispado no Concilio de Nicêa.



A vila actual está edificada na margem direita do rio Agueda, e assenta em forma de amphitheatro, sobre trez pequenos outeiros. Cercam-na por todos os lados extensas e verdejantes campinas, que constituem, por assim dizer, um formoso e variado oceano de verdura, oferecendo ao turista as mais agradaveis impressões, pelo seu aspecto alegre e encantador e ainda pela axtensão e brilhantismo das suas paysagens.

O rio Agueda é um afluente do Vouga, formado pelas águas dos rios Alfosqueiro e Agadão. Em frente da vila engrossa com as águas do rio Certima e chega ao seu termo depois de ter banhado 60 kilometros de extensão. É navegavel até á vila, e antes de entrar no Vouga forma a famosa lagôa de Fermentelos, a que adiante se aludirá.

Possue a vila de Agueda um vasto templo de trez naves, séde da freguezia, sob a invocação de Santa Eulalia; hospital da Misericordia; escolas primarias para ambos os sexos; e uma importante feira anual no dia 1 de Março; é séde de um batalhão do regimento de infantaria 38; e tem um club e um gymnasio.

Ha em Agueda duas hospedarias, as de Ana da Silva e do Patricio, bem como o *Hotel Comercial*, de Antonio de Matos Sucena.

Na vila publicam-se os jornais políticos denominados *Soberania do Povo*, que é o mais antigo; *Independencia de Agueda*, e *Povo d'Agueda*.

### EXCURSOES NO CONCELHO

Diversas e interessantes são as que se podem realizar ás diversas freguezias e povoações do concelho de Agueda a saber:

*Agadão*, que fica a 16 kilometros de Agueda e a 25 de estação ds Mogofores, da linha ferrea do Norte, pertencendo administrativamente a Aguada de Cima.

*Aguada de Baixo*, a 7 kilometros da vila e a 5 da estação de Oliveira do Bairro, tendo por orago a S. Martinho.

*Aguada de Cima*, a 6 kilometros da vila e a 8 da estação do Bairro, com fabricas de telha e industria de exportação de barro para trabalhos de ceramica.

*Barrô*, a 5 kilometros da vila e a 8 da estação de Oliveira do Bairro, tendo por orago a S. André, e pertencendo administrativamente a Aguada de Cima.

*Belazaima*, a 8 kilometros de distancia da vila e a 18 da Estação de Oliveira do Bairro.

*Castanheira do Vouga*, a 9 kilometros da séde do concelho e a 21 da estação de Oliveira do Bairro. Foi outr'ora vila e cabeça de concelho, e teve foral dado por D. Manuel, a 16 de Julho de 1514. Presume-se ter existido no mesmo sitio uma populosa cidade romana. N'esta povoação viveu e teve casa propria o grande poeta Antonio Feliciano de Castilho, que ahí escreveu o seu famoso poema *Ciumes do Bardo*.

*Espinhel*, a 5 kilometros de Agueda e 7 da estação de Oliveira do Bairro, tendo por orago a Virgem da Assumpção.

*Fermentelos*, a 10 kilometros da vila, a 8 da estação de Oliveira do Bairro, na linha do Norte, a 4 do apeadeiro de Oia e a 4 do de Cabanões, na linha do Vale do Vouga. Aquí existe a lagôa formada pelas águas do Vouga, á qual faremos referencia especial.

*Lamas do Vouga*, a 7 kilometros da vila de Agueda e a 19 da estação de Oliveira do Bairro. A esta freguezia pertence a antiga vila do Vouga, que foi séde de concelho até 1855. No local onde está edificada a capela chamada do Espirito Santo, querem alguns archeologos que estivesse outr'ora uma grande cidade romana denominada Vaca, sendo certo que ainda por lá se encontram vestigios da antiga povoação.

*Macieira de Alcoba*, a 18 kilometros de Agueda e a 28 da estação de Tondela, tendo por orago a S. Martinho.

*Macinhata do Vouga*, com estação propria, na linha ferrea do Vale do Vouga, e a 11 kilometros da vila de Agueda. Sabe-se que em o ano de 848 era importante povoação, cujo senhorio pertencia a Muley Achim, riquissimo arabe, que veiu a ser feito tributario de D. Ramiro I de Leão. A esta freguezia pertence a antiga vila de Serem, que foi cabeça do respectivo concelho, que assenta na margem direita do Vouga, o qual é navegavel até essa altura. Ahí existe uma linda ponte mandada construir por D. João V com a magnificencia que caracterisou todas as suas obras. De Serem foi abade o famos

Estevam Gonçalves, auctor do celebre *missal* que tem o seu nome, monumento artistico da delicadissima arte da illumina, cuja elegancia de traços, suavidade de colorido e precisão de perspectiva, dão a esse trabalho um valor que não fica abaixo das obras primas dos grandes mestres italianos, não possuindo hoje paiz algum coisa superior.

*Ois da Ribeira*, a 6 kilometros de Agueda e a 11 da estação de Oliveira do Bairro. Foi antiga vila, com foral doado por D. Manuel aos 2 de Junho de 1516. Pertenceu á ordem de Malta, juntamente com as povoações de Eixo e Requeixo, do concelho de Aveiro. Mais tarde foi sua donataria a Casa de Bragança.

*Prestimo*, a 13 kilometros de Agueda e a 25 da estação de Oliveira do Bairro. Foi outr'ora vila e cabeça de couto, pertencendo á provedoria de Esgueira. A esta freguezia pertence a povoação de Cambra, onde ha uma antiquissima capela de Nossa Senhora das Neves. Tambem lhe pertence a aldeia de Ferreiros, onde havia uma antiquissima ponte muito alta, de um só arco, que foi destruida por uma cheia violenta nos fins do seculo XVIII.

*Trofa*, a 6 kilometros de Agueda e a 18 da estação de Oliveira do Bairro, tendo estação propria (a de Mouriscas) na linha do Vale do Vouga. Fica um kilometro a S. E. da margem esquerda do Vouga, e foi vila arabe sobre a denominação de *Tarufa*, d'onde se derivou o nome actual. Ao norte da povoação fica a antiga aldeia de Covêlos, onde esteve a séde da freguezia durante muitos anos; séde que foi abandonada em virtude de uma epidemia, e veiu a cahir em ruinas, das quaes ainda ha vestigios evidentes.

*Valongo*, a 7 kilometros de Agueda e a 3 da estação de Mouriscas, na linha do Vale do Vouga. Engloba as aldeias e logares de Arrancada, Aguieira, Alvim, Carvalhosa, Mourisca, Paço, Povia do Espirito Santo, Salgueiro, etc.

Para qualquer d'estas excursões ha na vila de Agueda diversas alquilarias, onde

se podem contractar trens para o transporte dos viajantes.

### A LÁGOA DE FERMENTELOS

Esta lagôa, tambem chamada *pateira*, porque ali se realisam, na época propria, diversas caçadas aos patos bravos, que em grande numero ali se juntam, é formada pelas aguas do Vouga e atravessada pelas do rio Certima, ao qual muitos chamam Certoma, constituindo uma das mais interessantes excursões de que o turista nunca se arrependerá.

A povoação de Fermentelos pertenceu administrativamente ao concelho de Oliveira do Bairro, mas passou para o de Agueda em 1898. Tem cerca de 850 fogos e 1.200 habitantes, que se empregam nos trabalhos ruraes, na sua maior parte, e são de genio docil e obsequiador.

Pateiras são tambem chamados varios outros pontos da bacia hydrographica do Vouga, permanentemente alagados, formando lagôas; mas de todas é a de Fermentelos a mais importante pela sua extensão e pelas diversas circunstancias que concorrem para dar maior soma de pictoresco e de empolgante á situação em que se encontra.

A excursão á Fermentelos pode tambem ser aproveitada para uma visita á interessante e alegre vila da Anadia, que fica a pequena distancia, sendo uma das melhores de toda a região.

Os campos e veigas de Fermentelos, plenos de verdura e apresentando as mais formosas paysagens, tornam verdadeiramente atrahente a excursão que preconizamos a quantos se decidam a passar alguns dias no Vale do Vouga, ridente como os que mais o são.

Um passeio em barco na lagôa de Fermentelos é tambem uma das coisas a recomendar com interesse aos turistas, que d'ele guardarão, por certo, as mais agradaveis recordações.